

## Um caso de amor entre uma escola formal e uma escola de samba

CRISTINA FERNANDES DE SOUZA\*

### A escola

**A EMEF Comandante Garcia D'Ávila foi criada em 30 de agosto de 1956** como Escola Mista do Imirim. Em 1958, foi rebatizada para II Escolas Agrupadas do Imirim. A partir de 1º de abril de 1969, passou a ser denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Comandante Garcia D'Ávila e, desde então, está localizada na Rua Armando Coelho Silva, 859 – Parque do Peruche, em São Paulo, capital. Na década de 1950, a região ainda era área rural. A área onde hoje é o bairro Parque Peruche teve origem no loteamento da fazenda da família Peruche.

### O bairro

**A origem do bairro remonta ao século XVII. Há registros** de que, em 1616, onde hoje é a Escola Estadual Ary Barroso, Amador Bueno da Veiga mandou construir um casarão colonial e um moinho de trigo, evidentemente com mão-de-obra escrava, marcando a presença de negros e portugueses na região desde aquela época. Antigos moradores relatam que, nessa mesma edificação, foram encontrados utensílios de dominação dos escravos, como correntes, braceletes e outros (Marcelino, 2003).

Oficialmente, em 3 de abril de 1935, um médico, Doutor Francisco de Paula Peruche, adquiriu uma área de 929.330m², do antigo Sítio Mandaqui, que foi denominada Parque do Peruche, a partir dessa data. O bairro tem uma forma geométrica bem definida, resultado de um aproveitamento melhor do espaço para o loteamento. Assim, predominando a lógica da máxima valorização mercantilista do espaço, não foi criada nenhuma praça ou área de lazer. Além disso, muitos terrenos vendidos localizavam-se em áreas baixas, sujeitas a alagamentos.

Foi nesse espaço que assentou moradia uma grande população de negros, vindos da região do Córrego do Saracura, onde hoje é a Av. 9 de Julho, na região do Bexiga, zona central da cidade de São Paulo. Os negros resgataram suas tradições e imprimiram sua cultura, desde as origens do Parque Peruche, daí a forte presença do samba no bairro.

Mais tarde, vieram muitos migrantes mineiros e do interior de São Paulo, além de portugueses, espanhóis e, em menor número, alemães, poloneses e iugoslavos. Posteriormente, a comunidade registrou uma chegada significativa de japoneses, especificamente da Ilha de Okinawa. Nos últimos anos, a solidariedade do bairro tem acolhido imigrantes vindos da América do Sul — bolivianos têm uma presença marcante nos espaços públicos. Nas escolas, escutamos o “portunhol” das conversas entre os alunos.

### Como tudo acabou em samba

**Há 11 anos, Waldir Romero é diretor da EMEF Comandante Garcia D'Ávila**, no Parque do Peruche. Waldir lembra que, quando chegou à escola, deparou-se com o que ele chamou de “berçário de segurança máxima”: muitas grades, cadeados... Naquele tempo, a escola era conhecida como “maloquinha”.<sup>1</sup>

A EMEF Comandante Garcia D'Ávila apresentava todos os índices negativos de aproveitamento escolar — alto índice de evasão, absenteísmo, repetência. Além do uso de drogas dentro da escola, havia também muitos problemas relacionados à indisciplina, divisão em grupos, muitas brigas entre os alunos, desrespeito com os professores e funcionários, depredação, pichação nas paredes das salas e muros, móveis quebrados. A escola era desrespeitada e invadida. Os profissionais também desistiram da batalha. Não havia processo de construção coletiva, quase nenhum recurso pedagógico e a infraestrutura era precária: o quadro era assustador.

\* CRISTINA FERNANDES DE SOUZA é comunicadora, da equipe Educação e Comunidade do CENPEC. Relato com base em entrevista com Waldir Romero, Diretor da EMEF Comandante Garcia D'Ávila.



Foi longo o caminho percorrido de lá até o carnaval paulistano de 2006, no qual alunos da EMEF Comandante García D' Ávila foram os responsáveis por pesquisar a vida de Santos Dumont, tema do samba-enredo da cinqüentenária Escola de Samba Unidos do Peruche. Além de participar da criação do samba-enredo, alunos, professores e funcionários da escola formaram uma ala com 112 participantes e desfilaram no sambódromo paulistano na noite de 25 de fevereiro de 2006.

Várias situações contribuíram para que o diretor Waldir se aproximasse das inúmeras escolas de samba do Parque do Peruche. Vindo de um outro bairro, o novo diretor não foi muito bem acolhido pela escola e seus alunos. Ao tentar equacionar os problemas de disciplina, estabelecendo canais de conversa para uma melhor convivência coletiva, Waldir escutou muitas vezes um: “Você não passa de um branco racista!” — rancoroso, enraivecido e seguido de uma expressão mista de desdém e desconfiança.

Ao constatar a influência das inúmeras escolas de samba existentes no bairro, Waldir decidiu se aproximar delas, buscando se envolver mais na comunidade. Começou a freqüentar os grêmios recreativos, estabelecer rela-

ções com os líderes desses espaços, que também eram líderes comunitários naturais, dada a influência das escolas de samba na comunidade. Assim, Waldir foi se envolvendo, conhecendo a liturgia das escolas de samba, a linguagem do samba e, em suas palavras, “descobrimos as páginas ocultas da comunidade”. Essa sua postura de se abrir para a comunidade resultou na conquista da confiança dos alunos da escola. Eles começaram a tratá-lo com mais respeito e empatia, depois de vê-lo “comemorando” com seus pais, tios, enfim, seus familiares que freqüentavam a escola de samba nos horários de lazer. Waldir já não era mais “um branco racista”, era “um dos nossos”.

Outra situação que favoreceu a aproximação com as escolas de samba do bairro foi um momento em que a agremiação precisou passar por uma grande reforma. Era 1997. Waldir percebeu a necessidade de buscar alternativas de espaços de aprendizagem para que as crianças não fossem dispensadas das aulas. Ao explorar o bairro do Peruche, o diretor reconheceu a presença e a força que as várias escolas de samba tinham na comunidade e estabeleceu parcerias para utilizar estes e outros espaços — ruas, praças e cinemas — para o desenvolvimento

de atividades educativas. Essa atitude não foi somente a procura por uma solução prática para um problema circunstancial, foi o reconhecimento de que a aprendizagem acontece em muitos espaços, e o processo educativo deve levar em conta as vivências, os valores, os saberes e os fazeres da comunidade local.

Waldir percebeu que deveria instigar, nos alunos, o sentimento de pertencimento à comunidade: “Tenho um bairro, um signo, um símbolo, uma história”. A escola era um excelente caminho, na medida em que oferecia seu espaço para eventos culturais próprios e de terceiros e atividades educativas. Nesse processo, Waldir resgatou as personalidades do bairro — muitos sambistas e esportistas, como Adhemar Ferreira da Silva, Éder Jofre e Basílio “Pé de Anjo”.

O samba é tratado como tema transversal no currículo escolar. Os alunos da escola desenvolvem e confeccionam as fantasias nas aulas de Educação Artística e aprendem música com os compositores da escola de samba Unidos do Peruche. As aprendizagens são múltiplas e circulam em vários espaços. O carnaval é tratado como a festa de formatura.

O diretor reconhece que o samba é a vocação do bairro, e que os meninos e meninas da comunidade alimentam o desejo de trabalhar com samba, construir uma carreira no carnaval. Daí a necessidade de gerar renda e emprego dentro dessa vocação, aproveitando as oportunidades existentes na comunidade. “Precisamos formar esses meninos para esse desafio”, vislumbra Waldir. Ele projeta um engajamento comunitário dos meninos e meninas, por meio da possibilidade de geração de renda.

“Na escola, alfabetiza-se pelo samba e pela arte”, sintetiza Waldir, reconhecendo as aprendizagens além do currículo formal. A linguagem do samba é levada tão a sério que, em um encontro nacional de estudantes de medicina, sediado na escola em 2003, o Hino Nacional foi tocado pelos alunos em ritmo de samba, com muito orgulho e respeito, perante as autoridades do poder público, renomados acadêmicos e lideranças da comunidade.

A partir do estreitamento das relações com as escolas de samba da região — Unidos do Peruche, Morro da Casa Verde e Império da Casa Verde — outras parcerias foram construídas. Atualmente, a EMEF Comandante Garcia D’Ávila conta com valiosos voluntários, parcerias e apoios diversos.<sup>2</sup>

A escola criou um campo de relacionamento muito rico, uma verdadeira rede na comunidade. Alunos, pro-

fessores e funcionários fazem parte desta trajetória e colhem agora os frutos dessa conquista. Ao conversar com os profissionais e os meninos e meninas que estudam lá, nota-se o sentimento de pertencimento e acolhida e, sobretudo, o orgulho de fazer parte disso. A visibilidade que a escola atingiu é constatada nas várias parcerias estabelecidas e pela repercussão na mídia — o jornalista Gilberto Dimenstein escreveu recentemente uma crônica, na *Folha de S. Paulo*, citando a EMEF Garcia D’Ávila e comentando sua presença no carnaval paulistano.

Hoje, a escola está muito bem cuidada, por todos — alunos, professores e funcionários. Os funcionários limpam a escola com esmero, e as crianças aproveitam essa limpeza — brincando à vontade no chão dos corredores, ao mesmo tempo que a conservam. Não se vêem mais os muros pichados. O diretor Waldir até reservou um espaço em uma parede interna no pátio para a livre expressão artística por meio da linguagem do grafite, mas os alunos abriram mão desse exercício.

A escola abriu as portas para a comunidade. Seu amplo refeitório é reservado para a feijoada comunitária e se transforma em salão de festas para aniversários, casamentos e batizados. Em 2004, a população do bairro fez um delicioso bolo de 69 metros para comemorar os 69 anos do Parque Peruche; tudo foi feito na escola, desde os preparativos até os festejos. A EMEF Comandante Garcia D’Ávila participa do programa Escola Aberta, vibrando, nos finais de semana, com várias atividades esportivas, culturais e sociais, organizadas pela comunidade e para a comunidade. É uma relação simbiótica, na qual os relacionamentos se aprofundam, ampliam-se territórios e todos saem ganhando.

### Bibliografia

MARCELINO, Márcio Michalczuk. *A evolução urbana do Parque Peruche e sua gente*. São Paulo: Editora Carthago, 2003.

### Notas

1. Maloca: extraído do Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss: a) conjunto de habitações de indígenas; aldeia. b) (1899) grande choça coberta de palmas secas, us. como habitação por várias famílias índias, esp. sul-americanas. c) Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Casa muito pobre, bastante rústica; choupana, rancho, barracão.
2. Universidades Mackenzie e FAAP, jornalista Gilberto Dimenstein, Amanakay, Projeto Sociedade das Crianças, APAE-PIPA, Labor, Prof. Mario Sergio Cortella, Profa. Lisete Arelaro, Senac, Futura Informática, Rotary de Bela Vista, Instituto Ives Otta, entre outros.

